

Concepções de Belo e Feio: a representação feminina na Arte e sua influência sobre o imaginário contemporâneo¹

Isabella C. GUSMÃO²

Tarcisio T. SILVA³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, SP

RESUMO

As noções de beleza e feiura feminina passaram por diversos momentos ao longo da história, traduzidas muitas vezes num contexto permeado por crenças religiosas e valores da sociedade em cada época. A fim de compreender a herança iconográfica que herdamos desse passado, analisamos neste trabalho a forma como a beleza e a feiura foram representadas pela arte. Com base na obra de Umberto Eco, *História da Feiura*, e outros autores, faremos um percurso cronológico a partir de algumas obras selecionadas a fim de observar essas mudanças. Como conclusão, observamos que muito do que temos hoje no imaginário iconográfico ocidental com relação à noção de beleza feminina é fruto desse percurso representativo das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: arte; nu; feminino; obesidade; velhice.

Introdução

A ideia de beleza feminina que a maioria das pessoas tem na atualidade, é baseada em imagens produzidas na mídia, como cinema, comerciais, novelas, revistas, programas televisivos e propagandas publicitárias. Muitas das influências que pautam uma normativa estética nas sociedades ocidentais, como pele clara, juventude, porte atlético, cabelo liso e delicadeza são por vezes excludentes. Afetam, tanto, mulheres que pertencem a esses padrões, muitas vezes se submetendo a uso de medicamentos e cirurgias plásticas, quanto, e principalmente, mulheres que não pertence a eles, que por muito tempo foram excluídas das sociedades em que viviam e até hoje sofrem com dificuldades cotidianas ligadas a seu porte físico.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Estudante de graduação em Jornalismo, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPQ.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Artes Visuais. Professor pesquisador do Centro de Linguagem e Comunicação.

Como retratado por Umberto Eco (2007), ao longo da história ocidental, isso pode ser percebido porque as pessoas que foram consideradas feias passaram a adquirir também atributos ligados a ideia de maldade. Além da concepção de feiura externa, na aparência, foram consideradas feias na personalidade e no caráter, com características como inveja, perversidade, falsidade, bruxaria e manipulação. Ao se tratar das mulheres, essa marginalização teve o agravante religioso e moralista do período clássico na Europa.

A imagem de beleza enraizada no contemporâneo se formou a partir de derivações do belo e do feio criados na Grécia Antiga, quando surgiram esses conceitos. Na época, os homens produziam idealizações de como seria a beleza dos deuses baseados em sua realidade e assim construía suas produções artísticas, como pintura, estátuas e histórias.

Era considerado belo o que dava prazer ao olhar e feio o que causava repulsa. Mas a cultura na Grécia Antiga não era a única, existiam outros povos na Ásia e na África, e como essas reações dependem da bagagem cultural de cada povo, outras culturas, não muito conhecidas e entendidas pelos gregos, tiveram seus estilos considerados feios e marginalizados, é o caso das culturas asiáticas e africanas.

Essa marginalização é explicada por Jung Mo Sung e Josué Cândido da Silva em *Conversando sobre ética e sociedade* (2011). Os autores criticam a relação da cultura com algo natural do ser humano, afirmando que devido a essa relação o homem ocidental tem dificuldade em aceitar a cultura de outras pessoas.

Em meio a instituições como a família, a religião e a escola, constrói-se uma ideia de que a cultura é uma segunda natureza, inata do ser humano, natural e nascida com ele, assim todos deveriam ter a mesma. Essa idealização existe porque ao acreditar nela tem-se a sensação de proteção do novo e do desconhecido, se a cultura fosse imutável, nada fora do comum iria acontecer e nada iria mudar.

Mas essa ideia não é verdadeira, a cultura não nasce com o homem, é construída e aprendida socialmente durante a vida. Quando alguém tem uma cultura diferente, uma concepção de mundo diferente dessa “normalidade”, ou “naturalidade”, ela se torna uma ameaça, já que essas diferenças culturais não existiriam se a cultura fosse natural. Aceitar essa ideia significa ir contra o aprendido nas instituições que o ser humano mais preza, por isso a dificuldade em conviver com o diferente. Sobre isso Sung e Silva (2011, p. 31) dizem que: “(...) As pessoas que tem mais dificuldade em aceitar e conviver com essa

insegurança da condição humana são as mais intolerantes e agressivas contra os diferentes (...)”.

Desde que foi criada a distinção de beleza e feiura, na Grécia Antiga, a beleza feminina foi relacionada com atributos como pureza, bondade, moral, decência, honestidade e carisma, todos considerados virtudes. Enquanto que a feiura era relacionada com maldade, falsidade, sedução, decadência física e moral, considerados pecados.

A Mitologia Grega mostra essa relação. Um exemplo é a deusa Vênus, deusa da beleza, bondosa, admirada e desejada, enquanto que o monstro Medusa, era uma forma feminina feia, com cabelos de serpentes que petrificava os homens com o olhar, demonstrando maldade e perversidade, que enganava as pessoas para destruílas.

Assim, as jovens eram admiradas e vistas como puras, virgens, ingênuas, bondosas, belas e sadias, exemplos a serem seguidos, já as mulheres de mais idade eram consideradas impuras, pecadoras, maliciosas, amorais e cheias de doenças e maldade. Quanto mais as mulheres tentavam esconder sua idade e imperfeições com maquiagens e cremes, mais eram vistas como manipuladoras e pecadoras.

As doenças eram vistas como impureza porque na época não se tinha conhecimentos sobre saúde. O motivo encontrado para uma pessoa estar doente era ter sido castigada por algum pecado cometido, e, por isso, provocavam medo, repulsa e intimidação.

A identificação da feiura com a maldade e da beleza com a bondade foi reproduzida no campo artístico, por um bom tempo, partindo da Arte Grega, tanto que só na Arte Barroca deixou de estar no foco da maioria dos artistas. Na literatura clássica, por exemplo, artistas como Horácio, Catulo e Marcial retrataram a figura da mulher que tentava esconder suas imperfeições por meio de cosméticos com desprezo, afirmando que só a virtude proporcionava a verdadeira beleza. Esse tema foi retomado no cristianismo, relacionando maquiagem as imperfeições com a prostituição do corpo.

Na Idade Média, passou-se a relacionar o feio com idealizações demoníacas e infernais. O demônio, por exemplo, nessa época, era imaginado como uma forma monstruosa feminina. Essa relação, muito retratada em imagens, foi utilizada para gerar medo e facilitar o controle da população por parte da Igreja Católica, que detinha todo o poder artístico e literário da sociedade, já que eram os únicos que sabiam ler e escrever,

e por parte do Governo, que tinha total apoio da Igreja em troca de aplicar seus preceitos na sociedade, os mandamentos da Igreja eram as leis políticas.

A concepção de que tentar esconder as imperfeições estéticas ser pior do que a própria feiura estava presente também no Humanismo, relacionando esse método à uma forma de perversidade feminina para seduzir os homens, seus maridos, ou, o que era considerado pior, desconhecidos. Por essa relação, as mulheres vaidosas eram consideradas pecadoras, não dignas.

Umberto Eco (2007) exemplifica essa ideia com artistas como Carbaccio de Baccaccia. O escritor era apaixonado por uma viúva sem ser correspondido e em um de seus delírios de desejo, viu o falecido marido dela. Na cena o homem contou os segredos da ex-mulher, como o de esconder a idade com maquiagens e cremes e, por esse motivo, ser perversa e pecadora. Baccaccia nutria em suas obras um ódio às mulheres, explorando em seus poemas as características femininas que na época eram vistas como malignas. Um exemplo é a obra *O que as mulheres são* (1363) de Carbaccio de Baccaccia:

Nenhum outro animal é menos limpo que elas; até mesmo o porco, que às vezes chafurda no lodo, nada deve à feiura delas; se alguém pretendesse negá-lo, bastaria olhar as suas partes ou procurar os locais secretos onde, envergonhando-se, escondem os horríveis instrumentos que utilizam-se para extrair de si os humores supérfluos (...) Era essa mulher, e hoje mais que nunca creio que fosse, ao sair da cama de manhã com o rosto verde, amarelo, borrado com cor de fumaça de pântano, escabrosa como os pássaros em plena muda, enrugada e escamosa e toda flácida, tão diferente do que exibiria depois que tivesse tempo de lamber-se, que ninguém poderia acreditar se não a tivesse visto como eu vi, mais de mil vezes. (ECO, 2007, p. 164)

Já no Renascimento, a relação entre a feiura e a maldade é menos evidente e surgem críticas a essa concepção, dando margem a uma nova vertente: relacionar a feiura à comicidade ou à piedade. Um artista italiano do período que exemplifica essa associação é Ortensio Lando, em seu poema *As vantagens da feiura feminina* (1544), dá vários exemplos de maneira cômica de como os personagens históricos feios levaram vantagem sobre os belos e de como a beleza provoca tragédias, como as tragédias gregas.

Outro artista do período citado por Umberto Eco (2007) é o escritor Lucrezia Marinelli, poeta italiano considerado pré-feminista. Em sua obra *A feiura dos homens* (1591), exalta a beleza feminina em amplos sentidos, sem se prender a padrões estéticos, comparando

as formas femininas a um milagre. Também, critica o conceito de feiura, que segundo ele, os homens criaram para julgar a perfeição feminina que deveria ser admirada.

Se as mulheres são, portanto, mais belas que os homens, que na maioria se mostram rudes e mal compostos, quem negará jamais que elas são mais singulares que os homens? Ninguém, a meu ver. Onde pode se dizer que a beleza na mulher é um maravilhoso espetáculo e um milagre admirável, que nunca foi plenamente honrado e reverenciado pelos homens. (MARINELLI, 159 apud ECO, 2007, p.167)

Mas foi a partir do período Barroco que as obras alternativas sobre a relação do belo e do feio surgidas no Renascimento ganham força e passam por um aprofundamento, porque a tendência artística na época era o bizarro, o que provocava espanto, o fora do comum, formas disformes, provocativas, que chamassem a atenção. Essa tendência influenciou também as representações femininas e, tanto a mulher quanto características corporais, anteriormente consideradas feias, passaram a ser admiradas em obras de artistas como Willian Shakespeare.

A sequência de sonetos Dark Lady é um exemplo. Nela, Shakespeare deprecia a beleza da amada comparando-a com os padrões de beleza da época e chegando à conclusão de que a Lady era cheia de defeitos. Apesar disso, conclui que nada importava porque ele a amava e ela era sua musa inspiradora.

Outro artista que foi influenciado pelo elo da feiura com sentimentos novos, como a piedade e o amor é Giorgione, Giorgio Barbarelli da Castelfranco (1477-1510), um pintor da Itália Renascentista, morreu com 33 anos, mas deixou obras de grande importância artística. A imagem abaixo é uma de suas obras. Nela, Giorgione retrata sua mãe. A presença do parapeito simboliza um retrato funerário. A velha (1505) representa a nova perspectiva a respeito de mulheres idosas, já que a representação da idosa na obra não é relacionada à maldade ou impureza, mas sim, à piedade, a compaixão e ao amor por se tratar de sua mãe.



Figura 1 - *A velha*. Giorgione, 1505. Disponível em: <:

<http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=2668>>. Acesso em: 15/12/2016

Com essas mudanças, a mulher feia não era mais vista só como um mal na sociedade, era vista como uma mãe que envelhecera, uma amada imperfeita ou com comicidade. Quando a Arte chegou ao Impressionismo, século XIX, outras formas de representações do ser humano surgiram, como as obras de Vincent van Gogh, assim a forma de retratar a mulher também ganhou uma nova vertente. Van Gogh retratava pessoas comuns, em atividades cotidianas, sem uma idealização de beleza e sem a preocupação com uma quebra de padrões estéticos. O que estava claro em suas obras era o sentimento dessas pessoas representados nas expressões corporais de melancolia.

Van Gogh nasceu na Holanda em 1853, era ligado a preocupações sociais e recriou a noção de beleza do ser-humano e da natureza por meio da cor. Seus personagens melancólicos retratavam a realidade sórdida que o artista via na sociedade do período, um exemplo é a obra *La Berceuse* (1889). O quadro retrata uma das cinco versões que o artista fez da mulher de um de seus amigos, Augustine Roulin. A mulher aparece balançando um berço (simbolizado pela corda em sua mão). Augustine Roulin não era um exemplo de beleza da época, também não era exemplo de feiura, era uma mulher comum, que vivia para a família. O que mais chama a atenção é sua expressão de melancolia, cansaço e desânimo, causados pela sua rotina de vida. Mais importante que a beleza, é o sentimento dela.



Figura 2 - *La Berceuse*. Vincent Van Gogh, 1889. Disponível em:

<<http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1996.435/>>. Acesso em:16/01/2017

Posteriormente, como uma reação contrária à toda produção do ser humano até o século XIX, inclusive os padrões de representação das escolas de arte, surgiram os movimentos de vanguarda, entre eles o cubismo. Neste movimento, os objetos eram representados no mesmo plano, sem nenhuma preocupação com o real. Foi nesse período que viveu Pablo Picasso (conhecido como co-fundador do Cubismo), era espanhol, mas passou a maior parte da vida na França. Uma das suas obras de maior importância é *Les Femmes d'Alger* (1907), celebrada como uma pedra angular do modernismo.

A obra tem a função de destruir a harmonia clássica reproduzida pelos artistas anteriormente. Os elementos em *Les Femmes d'Alger* não poderiam pertencer a outro período, pela forma em que estão presentes. O nu, não está representando uma divindade, mas sim prostitutas da época, mulheres que na arte clássica não seriam pintadas por serem consideradas impuras e indignas. Assim como as formas disformes como foram representadas, sem nenhuma simetria ou relação com a realidade.



Figura 3 - *Les Femmes d'Alger*. Pablo Picasso, 1911-1912. Disponível em:
<<https://www.moma.org/explore/conservation/femmes/history.html>>. Acesso em:
16/01/2017

No século XX, como retratado por Lucia Santaella (2004), a representação da mulher passou por uma mudança importante. As mulheres passaram a ser mais representadas por mulheres, pois os movimentos feministas na Arte ganharam força, influenciados pela Literatura. Muitas artistas usaram de sua arte como uma forma de documentar a realidade feminina, ou sua própria realidade, como Frida Kahlo (1907-1954) no México.

A artista desde jovem mostrava-se uma mulher diferente dos padrões da época, independente e feminista. No conjunto de sua obra o que mais se destaca são os autorretratos. Por ter sobrancelhas volumosas e unidas, esse se tornou o elemento essencial em suas pinturas, muitas vezes exagerando para deixá-las mais em destaque. Essa característica tão valorizada por Frida Kahlo, não está dentro dos padrões de beleza femininos e simboliza a libertação desses padrões. Com seus autorretratos, a artista fortalecia seu amor próprio e o amor próprio das mulheres que tinham, e tem, contato com as obras da artista. *Autorretrato com macaco* (1938) é um de seus autorretratos mais expressivos, o macaco na mitologia mexicana é um símbolo de luxúria e dança. Nessa obra Frida Kahlo representa o animal como ser terno e protetor pelo modo como coloca o braço do macaco em volta de seu pescoço.

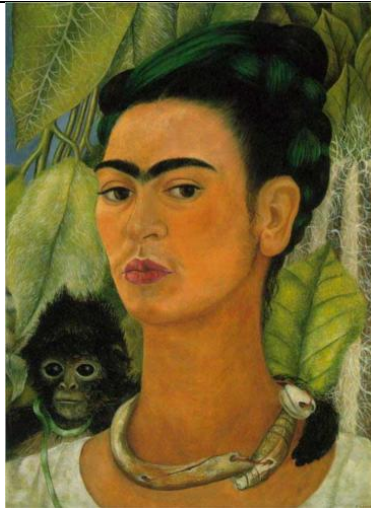


Figura 4 - *Autorretrato com macaco*. Frida Kahlo, 1938. Disponível em: http://paintings.culturesite.org/pt/artist.php?Frida_Kahlo. Acesso em: 17/01/2017

A preocupação com o corpo percebida durante todo o processo histórico da cultura ocidental sempre esteve presente nas manifestações culturais do ser humano, com maior ou menor intensidade, principalmente na Arte. Na atualidade essa preocupação se tornou uma questão social e política. Esse fato se deve ao crescente número de críticas e reivindicações político-sociais por meio da arte. Lucia Santaella em *Corpo e Comunicação* reafirma esse fato:

Além de onipresente, no decorrer do séc. XX até hoje, o corpo foi deixando de ser uma representação, um mero conteúdo das artes, para ir se tornando cada vez mais uma questão, um problema que a arte vem explorando sob uma multiplicidade de aspectos e dimensões... (SANTAELLA, 2004, p.65)

Como também visto em Lucia Santaella (2004), foi nos anos 70 que as mulheres passaram a estar intensamente presentes nas produções de arte. Como na body art (arte pessoal e privada, com conteúdo autobiográfico por meio de representações de um corpo particular), em que elas encontraram uma forma de representar sua realidade, desejos, opressões, críticas e reivindicações. A fotografia foi um dos métodos mais usados, o que fortaleceu uma tendência iniciada anteriormente de dar a fotografia a função documental e muitas vezes artística.

A partir daí a fotografia passou a ser cada vez mais usada para documentar a realidade das mulheres, sendo suporte de muitas artistas até os dias atuais. Uma artista atual que usa a fotografia como suporte é Fernanda Magalhães, desde pequena fazia montagens e recortes com as fotografias que tirava, mas foi em 1995, no Rio de Janeiro

que ganhou reconhecimento com a série A representação da mulher gorda na fotografia, compostas por montagens e recortes fotográficos de autorretratos.



Figura 5 - Fernanda Magalhães, fotografia da série *Representação da mulher gorda na fotografia* (1995). Disponível em: <www.pap.art.br/artista/2806>. Acesso em:

27/01/2017

Fernanda é também um exemplo, recente, dessa corrente de artistas mulheres que usam do meio artístico para documentar uma realidade opressora vivida por elas e lutar por melhorias político-sociais, além de fotógrafa é também artista plástica, performer e professora de Artes da Universidade Estadual de Londrina.

Seu conjunto de obras trata o tema corpo feminino como uma questão social e política, dando ênfase à mulher obesa, já que transmite um reconhecimento e uma afirmação da artista como uma mulher gorda e crítica politicamente o preconceito que a mulher sofre quando não se adequa à “ditadura do corpo perfeito” dando voz a mulheres que também passam por situações de preconceito e exclusão.

No site *Pesquisas Artísticas Presentes*, Fernanda Magalhães faz uma apresentação em vídeo com os depoimentos dessas mulheres contando suas dificuldades no cotidiano devido à falta de preocupação da sociedade com elas. Um exemplo muito comentado é o caso da roleta dos ônibus, muitas dessas mulheres não andam de ônibus porque não passam na roleta. Além disso, muitas mulheres reclamam de não conseguirem comprar sapatos por serem justos e apertarem seus pés.

Todo esse processo histórico de mudanças nas formas de representar a forma feminina influenciou no olhar e na produção de artistas atuais, podendo ser encontrados elementos de obras do passado nas obras produzidas nos dias de hoje, como no caso da própria Fernanda Magalhães. O fato dela questionar uma realidade social por meio da representação da mulher na arte já proporciona uma relação de influência que ela, provavelmente, teve dos movimentos artísticos transgressores vistos nesse artigo.

A obra da fotógrafa em certo ponto conversa com a obra *Les Demoiselles* de Pablo Picasso, por ambas apresentarem mulheres fora dos padrões estéticos nuas, podendo causar incômodo no observador de cada período. Essas obras também contrariam uma normalidade das representações do nu da época em que se inserem. No caso de *Les Demoiselles*, o comum era o nu de mulheres consideradas puras e belas, quase como um modelo de divindade e no caso do autorretrato de Fernanda Magalhães, o comum é ser visto nus de mulheres consideradas belas e sedutoras.

As obras da artista também podem ser relacionadas às obras de Frida Kahlo, por se tratarem de autorretratos que evidenciam características criticadas socialmente e tidas como não pertencentes às mulheres belas. No caso da Fernanda, evidencia o sobrepeso por meio dos nus e poses das fotografias, já Frida, evidência sua sobrancelha grossa, muitas vezes exagerando na sua representação.

Conclusões

Com os estudos sobre as representações das mulheres ao decorrer da história da Arte Ocidental e suas mudanças, pode-se entender melhor como foi construída a imagem de beleza e feiura, como elas foram relacionadas com o caráter da pessoa principalmente em se tratando das mulheres e como se tornaram tão importantes para as sociedades posteriores, chegando aos dias atuais.

Também se pode perceber movimentos artísticos contrários à concepção inicial de belo e feio, como uma forma de transgressão a regra estabelecida desde os gregos. Essa transgressão, não só na arte como na literatura, influenciou cada vez mais as críticas à opressão estética feminina, encorajando as próprias mulheres a se expressarem pela arte desde os primeiros movimentos no século XX, passando pela body art e chegando ao contemporâneo com exemplo de Fernanda Magalhães.

REFERÊNCIAS

DALLEDONE, Leo. Artista - Fernanda Magalhães. **Leo Dalledone blog**. Disponível em: <leodalledone.wordpress.com/2014/09/08/artista-fernanda-magalhaes/>. Acesso em: 27/01/2017.

ECO, Umberto. **A história da feiura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Revista Líbero**, 2004. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/view/3901/3660>>. Acesso em 16 fev. 2017.

MAGALHÃES, Fernanda. **Pesquisas Artísticas Presentes**. Disponível em: <www.pap.art.br/artista/2806>. Acesso em: 27/01/2017.

_____. A natureza da vida. **Fernanda Magalhães blog**. Disponível em: <http://fermaga.blogspot.com.br/> Acesso em: 27/01/2017

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: s.d., 2004.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. **Conversando sobre ética e sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.